

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVII Jornada de Extensão

O ENVELHECER: LUTO, MELANCOLIA E SEXUALIDADE¹

Gustavo Henrique Maronez², Bruna Garzella Michael³.

¹ Ensaio teórico realizado no curso de Psicologia da Unijui

² Acadêmico do curso de psicologia da UNIJUI - maronez850@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da UNIJUI - brunagmichael@hotmail.com

Introdução

O envelhecimento é um fato que acompanha o sujeito do início ao fim de sua vida, acompanhado pela acentuação da diminuição das funções do sujeito, mas apesar disso, não é acúmulo de doenças e vai além do corpo orgânico que envelhece

Neste trabalho buscaremos abordar o envelhecimento realizando apontamentos sobre o luto, melancolia, sexualidade, e seus desdobramentos na vida e no envelhecer de cada sujeito em contraste com a sociedade.

Metodologia

Para realização deste trabalho científico sobre o envelhecimento do sujeito utilizou-se leituras de livros, artigos e pesquisas dentro da teoria psicanalítica.

Resultados e Discussão

O Envelhecer não é natural ao sujeito, Mucida (2014) define a velhice como o desequilíbrio libidinal do Ego entre perda e reinvestimentos de objetos durante a vida e a capacidade de elaborar o luto dos mesmos, assim podem existir velhos as 20 anos e jovens aos 90. Envelhecer expõe ao sujeito o real de um corpo que escapa a nomeação pelo sujeito, e escancara suas limitações.

Freud em “Sobre a transitoriedade” (1915/1916) afirma “Vemos apenas que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto”. A dificuldade do ego se desligar do objeto amado e se religar é muito penosa.

No texto Freud “Luto e Melancolia” de 1917 apresenta seu conceito de luto e melancolia, visando diferenças e semelhanças.

Sobre o Luto Freud aponta: “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. (Luto e Melancolia 1996, p. 249)

O luto então é a perda real de pessoas próximas ou de tudo que nós perdemos como objeto, no decorrer do envelhecimento a morte se mostra de forma incisiva, pela perda relativa de pessoas, ou de possíveis realizações agora com um corpo e funções limitadas não são mais possíveis, ou seja, ocorre um desinvestimento, o medo da perda do desejo.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Extensão

Situa Mucida (2014), que o medo da perda não diz respeito somente à velhice, o desejo não se mede pela idade cronológica, pois em todo momento da vida em que o sujeito se depara com a morte, ele desinveste a libido, e o luto é o resultado deste processo.

Freud em Sobre a Transitoriedade (1915) nos conta que, o desligamento da libido de seus objetos deve constituir um processo tão penoso e nada podemos fazer a não ser o tempo para cura-lo e seria inútil ou até prejudicial uma interferência e ele chegam a um fim espontâneo e natural.

Assim como no luto, na melancolia também há perda de interesse no mundo, perda da capacidade de amar, inibição de atividade, mas na melancolia a uma auto-recriminação, uma espécie de ataque a seu próprio ego, no luto o sujeito sabe quem perdeu, já na melancolia o objeto é desconhecido. Para Freud na melancolia:

...não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente receber o que perdeu. Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. (Luto e Melancolia 1996, p. 251)

A melancolia seria um estado patológico de luto, onde algo inconsciente a respeito da perda existe diferente do luto, onde a perda é consciente. Nela “as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente”. (Freud 1916, p. 254) A frustração do objeto amado quebra o laço objetal, e ao contrário do que ocorre no luto, ela não é ligada novamente a outro objeto, mas retorna ao Ego como uma forma de identificação do Ego com o Objeto, “igualando-se então a uma perda do Eu” (Mucida 2014, p. 148).

O Trabalho de luto na velhice depende da capacidade do sujeito de lidar com o luto, pois se a morte é o buraco, não dialetizável, o luto seria o processo de construir algo para lidar com esse buraco. Na velhice isso é ainda mais duro, pois é um momento “no qual muitos dos rearranjos que o sujeito teceu para enfrentar o real desmoronam e com eles muitos ideais” (Mucida 2014, p. 155) e a partir de certa idade as perdas são mais frequentes, exigindo um trabalho de luto constante.

O trabalho de luto se torna mais difícil ainda devido à sociedade que transforma a velhice em um sintoma.

O espaço atual para sublimação, ou seja, (...) os objetos fabricados pela ciência, em sua incessante substituição pelo novo, não permitem, uma identificação com o valor simbólico dominado pelos imperativos em torno da produção, beleza e do novo, envelhecer torna-se um novo sintoma, apesar de tão velho. (Mucida, 2014 p. 156)

O luto se torna insuficiente para garantir novos rearranjos, e outro sintoma pode vir como tentativa de tratar esse real, assim o idoso acaba por desenvolver uma depressão como resposta adequada ao luto.

...a morte social para o idoso, provocará o encontro com outra morte, bem mais cruel que a morte real, da qual nada sabemos(...) o isolamento que são submetidos ou se submetem muitos idosos

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVII Jornada de Extensão

prescrevem uma morte em vida, e é por aí que muitos se rendem a derradeira morte. (Mucida, 2014, p. 156)

Sobre a sexualidade, ela está presente durante toda a vida, Freud em 1905 no artigo “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” nos conta que o desejo e a libido não têm idade, e a sexualidade adulta é a sexualidade infantil e é marcada pela satisfação sempre parcial da pulsão.

Ela vai além da função biológica, ela varia dependendo da relação que cada indivíduo tem com seu objeto de desejo, o objeto a (o objeto perdido) “sendo o objeto que falta” ao sujeito, ele é também aquilo que vem no lugar dessa falta, sem, contudo, jamais poder preenchê-la” (Mucida 2014, p. 157), a sexualidade e defina pelo recalque originário, o fantasma originário, que instaura a falta, permitindo o sujeito a se desvincular do Outro e vir a definir ou não sua posição perante o falo, ou seja, sua orientação sexual.

A realidade da sexualidade é o próprio inconsciente (realidade do inconsciente), onde o fantasma cria a sustentação necessária entre o sujeito e o objeto desejado. Sobre a sexualidade na velhice, Mucida afirma: “Não a idade que determina a ausência do desejo e, muito menos, a ausência ou presença de relações sexuais, mesmo que estas possam ser inscritas na velhice sob tecidos diferentes...” (2014 p. 157). É possível que na velhice se crie caminhos inéditos para realizar desejo, mas é claro que para alguns acabam sendo avassaladora e sem possibilidades de criar novos caminhos para o gozo, talvez por não conseguir viver com o luto, ou realmente não conseguir criar meios para lidar com o real.

Evitamos falar da sexualidade dos idosos, pois como fala Mucida (2014), que o sexo dos idosos remete a sexualidade dos pais, já que no inconsciente os pais sempre são os mais velhos. A criança quando se depara com a sexualidade dos pais responde pela degradação e depreciação, e isso ocorre também quando falamos da sexualidade dos idosos como algo depreciado ao neurótico, o fantasma de um corpo impotente e que não provoca desejo. “Diante da angustia que descortina o limite da potência fálica, a qual a velhice escancara, resta a pilhéria como um tratamento possível” Mucida (2014, p. 160). A comichão do rir e das piadas torna-se o meio que se utiliza para falar sobre a sexualidade dos idosos, uma defesa narcísica do sujeito perante finitude de sua existência.

Conclusão

Portanto, o idoso tem suas dificuldades orgânicas e psíquicas devidos ao tempo cronológico, mas ele é um sujeito que possui desejos e tenta realiza-los nos meios cabíveis do envelhecer, sendo a sociedade um grande obstáculo para realiza-los.

Palavras-chave: Psicanalise, envelhecer, luto, melancolia, sexualidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Extensão

Mucida, Ângela. O Sujeito não envelhece – psicanalise e velhice. 2. ed. Ver. -2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014

Freud, Sigmund. Sobre a Transitoriedade [1915]. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.

Freud, Sigmund. O Estranho [1919]. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII

Mannoni, Maud. O Nomeável e o Inominável: a ultima palavra da vida; tradução, Dulce Duque Estrada; revisão e apresentação, Betty Bernardo Fuks. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia, 1917 [1915]. In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996.